

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,500 réis— Semestre, 1,750 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 41

TERÇA-FEIRA 19 DE NOVEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

El-rei o sr. D. Luiz I tomando conta do sceptro no dia 14 proclamou a nação.

Estamos seguros de que todas as suas promessas hão de ser cumpridas. O seu nascimento, a sua educação, o exemplo dos seus, e o seu caracter são garantias de que Elle hade saber ser rei d'um povo livre, e de que o seu reinado será de felicidade para nós de gloria para Elle.

Nunca esqueceremos as virtudes de seu irmão, mas mitigar-nos-ha a saudade o vel-as imitadas por seu digno successor a quem daremos o amor, a dedicação e lealdade de bons portugueses que como taes tributámos ao que tanto nos amou como rei, e como amigo, e a quem tanto amámos como soberano modelo, como filho da primeira rainha constitucional e como neto de Pedro IV.

PROCLAMAÇÃO.

Portuguezes! Pelos decretos imprescriptiveis da providencia divina, e na conformidade das instituições politicas do reino, fui chamado a presidir aos destinos da nação

A dolorosa surpresa que soffro pela perda immensa, que todos acabamos de experimentar, consterna o meu coração. O paiz chora a morte do mais justo e illustrado dos soberanos, e eu derramo lagrimas sobre a sepultura do mais caro dos irmãos.

No desempenho da difficil missão, que me é confiada, procurarei seguir os nobres exemplos, que me legou o virtuoso monarcha tão prematuramente roubado á affeição do seu povo. Observar fielmente as instituições politicas do meu paiz é tão conforme á prescripção dos meus deveres, como ao dictame dos meus sentimentos. Em cumprimento da carta constitucional da monarchia — juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

Este juramento será por mim ratificado em breve na proxima reunião das cortes geraes da nação portugueza.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios de estado continuem no exercicio das suas respectivas funcções.

Paço de Belem, em 14 de novembro de 1861.—REI—Marquez de Loulé—Alberto Antonio de Moraes Carvalho—Antonio José d'Avila—Visconde de Sá da Bandeira—Carlos Bento da Silva—Thiago Augusto Velloso de Horta.

FOLHETIM

SIMPLES HISTORIA (*)

(Concluzão do n.º 37)

— Tu só tens a culpa !
— Eu senhor prior !
— Tu Marcolina ! Tu ! Poucos acontecimentos ha que não sejam o resultado obrigado de um facto bem estabelecido na consciencia daquelle que o devia esperar. Só tu cavaste a tua infelicidade e arruinaste a honra desse homem ! Olha, vê-o, lá vae elle pela asinhaga com uma banda de insultadores atraz de si. Marcolina, Marcolina, hade chegar uma hora em que se te pergunte pela felicidade desse homem, e tu envergonhada curvarás a fronte !

— Que me diria o senhor prior, se eu me atrevesse a perguntar-lhe, se não seria maior crime ainda que a minha piedade me levasse para esse homem, ao passo que o meu amor por outro me afastasse delle ?

— Dir-te-hia, que a tua felicidade neste mundo e a tua bemaventurança no outro, dependem primeiro que tudo de suffocares e esqueceres para sempre esse louco affecto, que tens a imprudencia de me recordar, conseguindo isso, encontrar-te-hias outra, porque a tua alma morrendo para o erro pelo baptismo, poderia reviver para o ceo. Não vês tu ahí todos os annos, o que é preciso ao trigo para tomar vida no seio da terra e tornar-se fecundo ? Morrer. Se não for assim, nada produz, e ficará só; mas morrendo, reviverá depois e trará mais comsigo. Deus escolhe-te talvez para salvares esse homem, Marcolina, esse homem, que ahí vae perdido de embriaguez e de amor ; a tua alma precisa morrer pela humilhação e pela obediencia, libertando-se do seu proprio

O NECROLOGIO DO REI.

«Meu marquez. Tem-me v. dado tantas provas d'amigo, que me anima a pedir-lhe um favor, triste sim, mas de que eu devo carecer muito breve. Minha mãe e a minha querida Estephania querem-me para junto dellas. Presinto no coração o seu chamamento, e eu devo ir para onde estão. Quando meu caro marquez, eu estiver em perigo de vida, e deva receber os sacramentos, digam-m'o; não receie assustar-me, porque a morte não me assusta. É este o favor que lhe peço. O meu marquez é muito meu amigo, e muito christão para se negar a isto.»

As lagrimas rebentam nos olhos de todos os homens de coração, quando se acabam de ler estas palavras, que a imprensa nos transmittiu sahidas da boca do moço-rei nas vesporas do seu passamento.

O necrologio do senhor D. Pedro V está ahí ! Não lhe façam outro. Resumiu-o elle, melhor que os seus cothezões, n'essas palavras de pressentimento celeste, que revelam a essencia angelica do seu coração.

Ahi está tudo a simplicidade do sentimento, e a elevação do espirito: o amor e a amizade, a resignação e a fé.

Ahi está tudo ! o filho, o esposo, o christão, e o rei !

Filho, conserva sempre viva as saudades e a memoria de sua Mãe, que lhe morrera, ha oito annos, assentando-o n'um throno, que elle troca de bômente por mais alto assento ao pé de sua Mãe. *Minha mãe quer-me junto de si.*

Esposo, viera-lhe a Noiva da terra onde as mulheres são anjos pelo sentimento e pelos sacrificios, e o coração prendêra-se-lhe para sempre ao anjo da Allemanha, que o amara com o amor de Ignez de Castro, e a virtude de Sancta Iza-bel em extasi de momentanea felicidade. Eram barbaras as exigencias da politica. Elle já não podia aceitar outro thalamo. A sua vivez era eterna. O coração levará-lho para o ceu a sua querida Estephania que o chamava de lá. *Pressinto no coração o seu chamamento.*

Christão, não lhe basta a consciencia de ter

espirito, da sua propria vontade, para se tornar instrumto affectuoso e docil da vontade e espirito do Senhor. E' preciso que cada um tenha a sua cruz sobre a terra. Nisso se salvará !

— E que pesada tem sido a minha !
— Pesada a tua culpa, isso sim; e a tua cruz não, que ainda a não conheces. A cruz Marcolina, é o que atravessa, quebra, e martyrisa a vontade propria, tens tu a coragem de a supportar para te salvares ?

Elle respondeu com o pranto, desviando o rosto.

— Vae ! disse-lhe o prior friamente. Vae e pensa. Quando a rapariga beijava a mão do prior, ouviram-se em distancia os sons de uma guitarra. Ambos se olharam como medrosos daquelle musica, e escutaram por instantes a toada plangente do tocador. A impressão foi profunda; era aquella a musica que Sebastião tocava outr'ora, quando, ambos pequenos ella se entretinha a vel-o aprender; essa moda simples, innocente, e facil, que não envelhece com os annos; essa poesia morta e viva ao mesmo tempo, fel-o sobresaltar de saudade e de terror.

Por uma leve mesura se despediu do padre e ainda que o seu caminho para a cerca devia ser o de seguir pela azinhaga, deu a volta á eira com o receio de encontrar Sebastião, e foi de novo para o trabalho; conservando-se até á noite nas fazendas em que andava de jornal. O seu jantar nesse dia foram umas peras, que apanhou do chão, para onde o vento as atirára da arvore. Ao voltar para casa, porem, ella sentiu-se mais triste, mais medrosa, mais desencantada da vida, da felicidade, e da esperança, do que nunca. Tudo era applicar o ouvido na ideia de escutar o som de uma guitarra. Teve frio e medo. O mais leve ruido fazia-a estremecer. Um presentimento a dominava. A duvida, o receio, o susto, iam na sua alma. A cada instante lhe parecia

praticado o bem: quer purificar-se pelos sacramentos para apparecer em graça deante de Deus é esse o seu maior cuidado, porque elle é muito christão como o seu Marquez. *O meu Marquez é muito meu amigo e muito christão.*

Rei, não pode. Illustrado, e bom como D. Diniz, morre em flôr como D. Sebastião, procurando a morte como um devêr, não podendo arcar com a moirisma do seculo, como aquelle com as hostes de Alcaacer-kivir ! *Devo morrer, a morte não me assusta.*

Conforme o disse, assim o fez. O necrologio do senhor D. Pedro V é esse. Não lhe façam outro, que o não pode haver mais sublime de affectos e de verdade. J. B.

Ao funeral de S. M. o sr. D. Pedro V, que teve logar no dia 16, concorreu Lisboa inteira.

Todos quiseram diser o ultimo adeus ao seu desditoso rei e nunca houve mais saudoso adeus.

O sexo feminino tambem tomou parte nesta demonstração respeitosa de sincero sentimento. Entre algumas senhoras hia uma levando uma corôa de perpetuas entrelaçada com saudades, que depois foi collocada sobre o tumulo do Rei.

Todas as classes de cidadãos da capital provaram a dor que os punge.

Ainda não foi resolvida a representação dirigida ao governo de S. M., por via da camara municipal, sobre a transferencia da ordem em que Aveiro foi colocado para a contribuição industrial.

O tempo insta porque a cobrança está prestes a fazer-se, e a não vir a resolução dentro de muito poucos dias já não pode este anno aproveitar aos contribuintes.

E' notavel a demora que todos os negocios do mais simples expediente tem nas nossas secretarias de estado ! O mais facil de todos leva dias, semanas, mezes a resolver. Não ha pergunta, que obtenha resposta immediata, duvida que mereça solução prompta.

Parece que a figura da indolencia preside a tudo, e que uma atmospheria morbida e torpente reina nas regiões superiores do estado !

Pedimos ao sr. presidente da camara que inste para que a resolução venha, e que venha quanto antes, por que esta demora é na actualidade sensivel para o contribuinte. A. P.

A noticia que demos, fundados em uma parte telegraphica, da morte do sr. duque de Saldanha, he, felizmente inexacta.

que a sua sombra era uma pessoa. Depois, poz-se a pensar se seria a sua alma que ia acompanhá-la. Quando a sombra corria por cima das florinhas brancas dos vallados, sobresaltava-se ella e dizia a si mesma cheia de terror:

E' a minha alma, é ! Mas ! Jesus, como é sombria e escura !...

E depois quando a sombra crescia, a pobre rapariga chegava a querer apagá-la com os passos, e corria como louca, a desgraçada, com louca perdida !

Quando chegou a casa parecia que ia morta; só a poder d'esforços conseguiu ter força para accender um brazeiro, porque estava a tremer de frio. A noite tornou-se pesada e chuvosa; os cães, graves e friorentos, tiritavam á porta, farejando impacientemente a ceia. Com a bulha da chuva errigavam as orelhas, e escutavam o passo apressado do jornaleiro, matteiro ou debulhador, que recolhia do trabalho como foice ou o mangoal ao hombro. O clarão do brazeiro, ateando-se de instante a instante, punha em relevo e coloria as linhas empoeiradas das vigas, que atravessavam o tecto. Numa gaoila de arame, dormia um pintasilgo. Pendurada n'uma corda, estava ama pouca de roupa branca a seccar. No meio deste quadro de uma simplicidade extrema, a figura de Marcolina que parocia debater em si mesma um pensamento que a atormentava, n'um scismar cada vez mais inquieta e caracteristico, tinha alguma coisa de phantastico. As suas mãos juntavam-se, enrugava-se-lhe a fronte, e uma lagrima lhe rola-vam pelas faces. De repente os cães saltaram uns latidos de anxiedade; um ruido de passos na estrada chegou ao interior da cabana; os cães ladraram e correram; depois voltaram callados e precipitaram-se para a porta, elles que não ladravam é porque era um amigo quem poderia ser ?

Uma voz disse de fora:

— Marcolina !

Os jornaes de Lisboa são concordes em que o estado de s. ex.ª com quanto dê ainda serios cuidados não exclue toda a esperança.

Sinceramente desejamos as melhoras do nobre marechal, e se como esperamos podermos annunciar o seu completo restabelecimento teremos nisso tanto prazer quanto foi o sentimento com que demos a noticia inexacta da sua morte.

ESTRADA D'AVEIRO A VIZEU.

Dissemos n'um dos numeros passados do nosso jornal, quando publicámos a representação da junta de parochia e habitantes da freguezia de Couto d'Esteves, sobre a directriz da estrada de Aveiro a Vizeu, que sabiamos que outras representações no mesmo sentido tinham sido e iam ser dirigidas ao governo pelos povos das margens do Vouga, que, tendo descansado na justiça da sua causa, iam emfim levantar a sua voz, para que não lograssem interpretar-lhes em semrazão a nobre confiança do silencio.

Ahi publicamos hoje a representação que os povos daquellas margens, desde S. Pedro do Sul até ao limite occidental do districto de Vizeu, fizeram, ha pouco, ao governo de S. Magestade, e cuja copia nos foi remetida de S. Pedro do Sul, d'onde outra representação tinha tambem sido dirigida ao governo pela digna camara daquelle concelho. Recomendamos a sua leitura, e rogamos ao sr. ministro das obras publicas, e aos membros do conselho das mesmas obras, que, em vista das razões já de sobejo expendidas e discutidas, e de uma tão formal manifestação dos povos, seja a devida solução deste negocio um dos primeiros actos de justiça do novo reinado, que encherá de jubilo a maior parte dos povos dos dois districtos de Vizeu e Aveiro, já cansados de esperar por um melhoramento de tão subidas vantagens.

Dissemol'o, e repetimol'o ainda.

A estrada d'Albergaria a S. Pedro do Sul pelo valle do Vouga hade fazer-se, ainda mesmo que razões de mau aviso prevalescessem hoje a favor do traçado pela serra das Talhadas.

Com o mesmo e bom direito com que já se tracta de pôr em communicação os diversos centros de população deste districto, requizitarão sempre, e em quanto não forem attendidos, os povos do Valle do Vouga, uma estrada que os sirva. Com o mesmo e menor direito requizitaram e continuam a requizitar outra os povos do Valle do Alfusqueiro, cuja justiça reconhecemos. A estrada pela Serra das Talhadas seria portanto uma execrecencia que não serviria senão para gastar os

Ella estremeceu.

Batteram mansamente á porta, e a mesma voz disse ainda:

— Marcolina, sou eu ! Sou eu !...

Convulsa, hesitante, pallida, ella permaneceu um instante com o olhar fixo na porta, sem saber o que cuidar :

— Esta voz ! balbuciou. Esta voz... Oh ! Impossivel.

E tirando um tronco do brazeiro, foi tremula e atterrada até á porta que abriu :

— Jesus ! exclamou, Jesus, valei-me !...

E correu para o crucifixio, como pedindo auxilio a Deus.

— Que podes temer ? Que tens a recear nesta hora, Marcolina ! Pelo ceo, olha para mim, e ouve-me. Não sabes acaso quem te está fallando ? Não me reconheces já ? Já te não lembras ? Teve o tempo o poder fatal de apagar da tua memoria a lembrança daquelle tempo que não voltará, que eu mesmo não queria que voltasse, que nem tu o queres nem Deus ! Não me accuses, não me crimines, não vás desprezar-me por aqui me veres de novo, e me haver faltado a força de não procurar ver-te mais; ha um dom, um encanto, uma fatalidade talvez em ti, que me dominará para sempre; agora o conheci; encontraste acaso a planta que tem a raiz marcada por um signal mysterioso, e faz amar insencivelmente o que a possui ? ! Torna a ti Marcolina ; toma animo, e enche a minha alma de luz pelo teu olhar ! Dize, és ainda como d'antes, melancholica, triste, sonhadora, estrella d'amor, que apagavas nos ceos os dias. Ainda cantas ás noites como d'antes, e a tua voz limpida e pura espalha ainda uma côr suave e, indecisa por aquelles versos que eu te ensinei a decorar ? Vamos, porque não me fallas, porque não me fallas tu Marcolina ? Queres-me mal por acaso ! Não te illudas a ti mesma, cuidando que me salvas pelo desprezo;

recursos do paiz, e para fazer demorar a construcção daquellas que verdadeiramente utilizam aos povos. Com a estrada pelo Valle do Vouga á Ponte de Pecegueiro serve-se toda a população da encosta direita e esquerda do rio até perto da cumeada da Serra das Talhadas. Com a estrada pelo Valle do Alfusqueiro serve-se a parte da população ao Sul da mesma serra, entrando as freguezias de Cambra e de Campia. Não ha portanto senão as freguezias das Talhadas, de Reigoso, de Destriz, parte da de Pinheiro e de S. Vicente, e a de Passos de Villarigues, que seriam mais favorecidas com o traçado das Talhadas, mas que alem da sua pouca importancia, não ficam longe de qualquer das duas estradas do Valle do Vouga ou do Alfusqueiro, que o terreno indica, e que os povos reclamam.

Segue a representação :

Senhor!

Os abaixo assignados, habitantes das margens do Vouga desde S. Pedro do Sul até ao limite occidental do districto de Vizeu, não podendo baldar-se a todo o receio da poeira a drêde lançada sobre a verdadeira directriz da estrada de Vizeu a Aveiro, vão com todo o respeito devido, e não menos com a liberdade que caracterizou sempre os bons portuguezes, expôr á V. M. a verdade extrema.

Em má hora parece ter sido concebida a idéa desta estrada, cuja urgente necessidade não podia aliás dar vantagem a nenhuma outra: não bastava soffrer tão longa incubação, até que appareceu a lei de 22 de julho de 1850, senão que foi forçado aguentar ainda passante de nove annos de deseparada espera, até se mandar fazer o respectivo ante-projecto, e ainda em cima se menospresaram n'elle pontos muito atinadamente designados como obrigados no mappa da citada lei — Ribeiradio e a ponte de Pecegueiro. E esse ante-projecto, afferventado pela direcção das obras publicas do districto de Vizeu, por fins de 1859, sahiu tal, que só o poderá desculpar a extraordinaria pressa e mau tempo com que teve de ser feito.

Logo em saindo da villa de S. Pedro do Sul deixa este importantissimo concelho, obrigando para isso á construcção de uma nova ponte sobre o Vouga; começa a arrear-se do melhor de Alafões, paiz ricamente productivo, que se acha dividido pelos tres concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzella e Oliveira de Frades; lança-se pelos sitios mais despovoados e desabridos, emfim pela serra das Talhadas e pela da Moita, despresando de mais a mais as famosas minas do Braçal e do Palhal; e por derradeiro exige outra ponte sobre o Vouga perto d'Albergaria, obra enorme que, segundo votos competentes, ha de custar mais de setenta contos de réis.

O traçado que a direcção das obras publicas do districto de Aveiro encetou por fins do anno passado e continuou no presente com toda a circumspecção que o objecto requeria, é outro e bem outro. Favorece muito mais o concelho de S. Pedro do Sul, correndo por elle até á antiga villa do Banho, sitio destas célebres caldas por nenhuma das Portugal excedidas; aproveita ali uma boa ponte para atravessar o Vouga; favorece Vouzella não menos que o traçado da serra, e chega tambem á villa de Oliveira de Frades, passando assim por todas as tres cabeças dos concelhos; vai correndo sempre pelo meio d'Alafões, e consequentemente favorecendo com toda a possivel igualdade este paiz que, sobre produzir em annos normaes, milhares de pipas de bom vinho verde, produz grande quantidade de milho, que ainda sobra bastante do consumo da sua numerosa população, não sendo talvez muito menos consideravel pela qualidade e quantidade das pastagens, com que por aqui se criam excellen-

tes gados, em especial o bovino; atravessa os sitios mais amenos e ferreiros, mimosos até d'optimas fructas, entre as quaes sobresahe a famosa laranja de Pecegueiro, Ermida e Passô, de que se faz já avultada exportação; aproveita a excellente ponte de Pecegueiro, assim como a summamente momentosa circumstancia da navegação do Vouga, que já se faz até áquelle sitio, e pôde subir bastantemente mais, com pequeno custo; corre alguns kilometros marginal, e consequentemente asada para o necessario sirgamento; passa pelo terreno mineiro em exploração entre Albergaria e Sever &c.

Senhor: A mais perfunctoria comparação d'esses dois traçados basta para a opção. Um desatende as melhores condições economicas, e talvez technicas; outro respeita-as todas: um desvaira para sitios raras e miseravelmente povoados, e para charnecas e serras inhospitas; outro leva e attrahe irresistivelmente para sitios bem povoados com raros intervallos de quarto de legua, sitios grandemente ferreiros e amenos, verdadeiramente encantados, para o meio do valle de Alafões emfim. E todavia tem-se empenhado tudo em figurar bom o traçado da serra e desfigurar o do valle! Pretende-se que a estrada das Talhadas é de mais facil construcção que a do valle do Vouga, sendo que aquella se esbarra mais de uma legua por fragedos de rocha, e yae quasi toda por terreno mau e falto dos necessarios materiaes, e esta tem a vantagem de ir quasi toda por bom terreno, a meia encosta, e com todos os materiaes á mão: pretende-se que esta exige muito maior numero de pontões e aqueductos, sendo que tal excesso é em realidade muito pequeno, e para todas as obras de arte que elle exige bastará a importancia de uma só das pontes que o outro traçado exige sobre o Vouga: pretende-se finalmente que da estrada da serra tem a vantagem de communicar tambem com Agueda, sendo que para isso é preciso um ramal das Talhadas para aquella villa, e o mesmo resultado se consegue com um ramal tão facil pelo menos, partindo do limite occidental de Ribeiradio.

Ultimamente aventurou-se o alvitre mais desatinado ainda, de seguir um novo traçado que, para nem merecer uma analyse séria, basta despresar o ponto d'Albergaria e os 17 kilometros d'estrada já construida d'Aveiro até ali, e alongar tanto para o Sul uma estrada que por muito tempo terá de ser commum para o Porto, como já tem sido demonstrado perfeitamente pela imprensa periodica de Vizeu e d'Aveiro, e pelo *Commercio do Porto*, principalmente no artigo do *Districto d'Aveiro* n.º 16, e no do *Viriato* n.º 666.

Senhor: Querem por todos os modos illudir desprecitado quem tem que resolver tão importante objecto. Mas digne-se V. M. attender a esta singella exposição dos abaixo assignados, a cujos nomes se associariam muitos e muitos mais se o tempo não urgisse tanto, e haverá para se bem dizer mais um grande acto de justiça de V. M., a quem Deus conserve tão preciosa vida e saude.

S. Pedro do Sul, 28 de setembro de 1861.

Seguem-se as assignaturas.

Em additamento á carta do sr. padre Martins Coutinho que publicamos no nosso penultimo numero, publicamos hoje mais duas, uma do sr. Silverio Barata, parochio de S. Nicolau, e outra do mesmo sr. padre Martins.

O sr. Barata nega que na sua parochia se recusassem as vestes sacerdotaes para o sr. padre Martins dizer missa com o pretexto de que elle fora um dos *pharizeos* das exequias de Cavour; o sr. Martins relata o modo porque foi recebida pelo sr. ministro das justicas a queixa que por este motivo lhe dirigio.

ca mais passarias por esta aldeia, que repentina resolução foi a de quebrares assim os protestos que formaste da tranquillidade possivel para nós, a de não nos vermos!

E' o inferno essa tranquillidade; pergunta-o á tua alma, se tambem me amas! A ausencia pesava-me de mais, para que eu pudesse dispensar ao menos a esperanza de tornar a ver-te. O que senti eu em todo este tempo? A anciedade, o espanto, o terror. Tive frio n'alma. As saudades erguiam-se-me no peito em ondas tumultuosas. Tinha medo de morrer, Marcolina, — eu que tantas vezes desejava a morte. Era a ideia de te encontrar de novo, que assim me dava o animo de esperar. Se o paraíso me encerrasse nos seus muros de fogo, eu quereria fugir para o céu mais affastado da felicidade suprema, e esperar-te alli para te ver passar um dia!...

— Não falles no céu. E' tentar Deus. Um vento gelado passou pela minha existencia e murchou-lhe as flores; estou condemnada a ficar triste diante de todas as alegrias. Fizeste mal de certo em voltar; eu andava com o presentimento de alguma desgraça; a desgraça chegou, foi esta. Não devia mos encontrar-nos mais neste mundo, e a nossa unica felicidade devia ser a de perdirmos a Deus perdão; assim deixaste escapar a eternidade gloriosa que nos estaria guardada. Queres porventura começar de novo a batalha ignorada, em que andámos, soffrer-lhe as amarguras, receber-lhe os golpes mortaes, envelhecer, cair, morrer, para ir outra vez navegar no mesmo mar? Vae-te embora, Lucio, por Deus te peço; volta para onde tens estado: deixa-me morrer sosinha! soffreríamos muito os dois, e soffreríamos de vergonha eterna se aqui ficasses; iam viver n'um mundo sem ar, n'um céu sem luz. Oh! Vae-te! Antes ter saudades sempre, do que ser consolada assim!

— Não! Partir de novo! E pensas n'isso!

Depois destas ainda tem apparecido ultimamente na imprensa outras duas, em que, á parte as amabilidades mutuamente trocadas pelos dous ecclesiasticos, ambos pertendem sustentar o que disseram.

O sr. Barata confirma o seu testemunho com o do sacristão da parochia, e outro sacerdote, seu adjunto. O sr. Martins jura em nome de Deus.

Qual devemos acreditar?

Foi com o pretexto de celebrar nas exequias, ou de não ter as licenças em regra, que ao sr. padre Martins se negou auctorisação para celebrar em S. Nicolau?

Seja como fôr, a cousa parece-nos que sempre foi a mesma. Do acinte não pode isentar-se o sr. Silverio Barata, quando mesmo prove á saciedade que o pretexto apresentado pelo sacristão não fosse o que exhibio o sr. padre Martins. Se este havia celebrado durante seis mezes em S. Nicolau, como o proprio sr. Barata confessa, como é que elle só desconfiou que as suas licenças não estavam em regra, depois que elle deixou de ahí ir celebrar trinta dias? Historias.

Dispensamo-nos de ir mais longe na apreciação deste escandalo clerical. Desde que o sr. Silverio negou o facto que arguimos, a importancia moral delle desapareceu. A cousa agora é lá com o sr. padre Martins.

O que unicamente deploramos é o precipicio em que vemos ir-se despendando o clero. Nestes vergonhosos conflictos, desauthorisa-se elle, e perde a religião. Nem nós queremos reproduzir, nem é digno de reproducção, o que, a proposito disto se tem assoalhado do caracter e reputação do parochio de S. Nicolau; mas é certo que nem os seus parochianos podem já ter confiança no seu caracter sacerdotal, nem talvez á auctoridade ecclesiastica deixar de intervir.

Eis as consequencias do escandalo.

A. P.

Sr. redactor. — V. quer que eu torne publico o que passei com o governo, representado na pessoa do sr. ministro da justiça a respeito da provocação que relatei na minha carta de hontem. Entendo que é do meu dever satisfazer á indicação de v.

O sr. ministro da justiça recebeu-me com a maior benevolencia em sua casa, na noite de hontem, e, communicando eu a s. ex.ª o que comigo se passara na igreja de S. Nicolau, e pedindo-lhe as devidas providencias de reparação em desaffronta do sacerdocio, a que me honro de pertencer, do decêdo do governo, e pela honra do paiz, s. ex.ª teve a bondade de assegurar-me, que o governo de S. M. providenciaria como a gravidade do caso exigia, passando o sr. ministro a entender-se logo com s. em.ª o sr. cardeal patriarcha.

Perguntei ao sr. ministro da justiça, se queria que eu me dirigisse pessoalmente a s. em.ª, ao que s. ex.ª respondeu, que não era necessario, visto que elle ministro, estava disposto a fazel-o.

Eis o que até agora comigo se tem passado, a respeito da provocação formal que se fez na igreja de S. Nicolau desta cidade ao exm.º prelado desta diocese, ao governo de S. M., á camara municipal de Lisboa, ao sacerdocio, na pessoa de um seu humilde representante, e, em fim, a todo o paiz.

Aproveito esta occasião para escrever duas palavras a respeito do famoso libello «não sei numero quantos» que se lê na *Nação* de quarta-feira, 6 de novembro.

O jornal absolutista, não discute, injuria.

Aquelle jornal combate a liberdade, mas «usa largamente para calumniar e injuriar os seus irmãos (que o são todos os portuguezes), que

Uma carta do prior me deu a noticia do teu regresso, e deixei tudo para correr aqui, como te rei então força de te abandonar tão depressa. Ver-nos-hemos raras vezes, se assim o queres, mas ver-nos-hemos. Demorar-me-hei na aldeia de visita ao parochio: quem pode estranhar isto? Ah! Escusas de me aconselhar, de me pedir, oh! não, a minha tenção está feita; tão respeitosa é a minha adoração por ti, que não pôde o céo condemnar-me por eu aqui ficar; este amor não é um crime, Marcolina, aliás já Deus me havia castigado para não deixar que eu te perdesse... Oh! Não me digas nada, não te oigo, não quero ouvir-te nesta hora; partir de novo é impossivel. Adeus Marcolina; mas adeus até amanhã: amanhã volta-rei aqui, e o meu amor será maior ainda amanhã, este amor, que, em cada dia mais faz de ti um idolo!

— Pois bem! Mas vae-te agora; vae-te antes que me falte a coragem; voltarás ainda, como dizes, mas hoje já a noute vae alta, e é preciso partires.

Elle beijou-lhe a fronte.

— Até amanhã, Marcolina!

Ella olhava-o extatica.

— Marcolina, repetiu elle, até amanhã!

— Até amanhã, sim! balbuciei a rapariga, impurrando o brandamento. Vae!...

A noite estava tão lugubre e pesada, que instantes depois de elle partir, já Marcolina apenas lhe ouvia os passos sem o poder divisar na escuridão; os cães, que estavam dormindo, acordaram ladrando, ella fechou a porta e foi, pensativa, até ao brazeiro que já estava a apagar-se:

— Amanhã! disse ella, a si mesma, sorrindo tristemente. Amanhã é sempre!

Dizem que, de madrugada, ella propria fôra procurar Sebastião, e lhe dissera assim:

— É então verdade que me amas, Sebastião,

não tenham o pensar dos seus redactores e colaboradores.

Não sei a linguagem da *Nação*, e, mesmo que a tivesse aprendido, não usaria della em represalia, porque repugnaria aos meus principios, e especialmente ao meu estado.

Quem diz, que Jesus Christo «usava do azul-rague» pode dizer dos homens o que quizer sem que os offenda.

Um ecclesiastico, que deseja honrar as vestes sacerdotaes, não deve dar-se em espectáculo, sustentando polemicas com quem não acha razões para fundamentar os seus argumentos se não no insulto, na injuria e calunnia.

Pela minha parte dou, pois, por completamente terminada qualquer polemica com o jornal absolutista.

Sou sr. redactor, — De V etc. — *João Antonio Martins Coutinho*, capellão de caçadores n.º 5. — Lisboa, 8 de novembro de 1861.

«Sr. redactor. — No seu jornal, n.º 2:450 li a carta do revd. padre João Antonio Martins Coutinho, e os comentarios que V. lhe faz.

Pelo muito respeito que tributo á opinião publica, não hesito em responder: e a minha desaffronta consistirá na simples expressão da verdade, esperando que V. se dignará fazel-a publica.

Na igreja de S. Nicolau, como em todas as outras igrejas parochiaes, existe uma ordem geral, fundada em direito expresso, e em diferentes pastoraes, pela qual todos os presbyteros que pretenderem usar de suas ordens, devem apresentar documentos legaes que provem as suas habilitações e a identidade de pessoa: podendo o respectivo parochio dispensar por quinze dias sómente.

O rev.º João Antonio Martins Coutinho, foi ha tempos admittido a celebrar na igreja de S. Nicolau, pela facultade que me competia, sem que exhibisse documentos; voltando porém agora, depois de mais de um mez de interrupção, exigiuse-lhe em meu nome, e na minha ausencia, como a qualquer outro se exigiria, o cumprimento daquelle ordem, ao que elle se não prestou, e por isso não foi admittido a celebrar.

Este é o facto. E histo não ha nada de extraordinario, porque muitas vezes, e nesta mesma igreja com outros sacerdotes tem acontecido.

Escusa pois aquelle senhor de inventar como pretexto da não admissão a circumstancia de ter suffragado pela alma do conde de Cavour. E para seu desengano e de todos, fique sabendo, que desde o momento em que elle queira cumprir seu dever, immediatamente, e sempre, lhe será facultado celebrar na igreja em que sou parochio.

Em presenca desta declaração, e dos factos notorios, que attestam os meus sentimentos politicos e o amor á liberdade, pela qual desde a idade de dezeseite annos comecei a fazer serviços, espero sr. redactor, que V. se dignará rectificar as ideias que a meu respeito aventurou.

Sou etc. — De V. etc. — *Silverio Antonio Barata Salgueiro*. — Lisboa, 8 de novembro de 1861.

Triste e bem triste é a missão do jornalista, quando as auctoridades se apartam da senda, que as conveniencias publicas, e até as da sua propria dignidade lhe mandam trilhar, e quando chamadas a ella fingem-se surdas com um synismo nunca visto; em taes casos, ou se ha de insistir, e a insistencia teimosa parece paixão, ou se ha de desesparar e abandonar o campo deixando correr tudo á revelia.

Fazemos estas considerações com applicação

a ponto de te matares na embriaguez, para te poderes esquecer de mim?

Elle sorriu-se encolhendo os hombros, como se dissera:

— Inutil pergunta!

— E se, proseguiu ella, olhando-o fixamente, eu te propuzesse, para ser tua, o deixarmos para sempre a aldeia, sem nos despedirmos de ninguém, sem olharmos para traz, sem nos lembrarmos mais deste logar, assim mesmo me quererias?

— E agradeceria a Deus! respondeu elle.

— Pódes agradecer-lhe então; sou tua!

Desde essa hora, nunca mais se soube delles na aldeia de... Foram peregrinando pelas estradas, e ganhando lentamente o pão de cada dia. Ao passar pela feira d'Alcobaça, o anno passado, vi no centró de um grupo de expectadores um rapaz que tocava guitarra e uma rapariga que cantava: quando eu cheguei, corria ella com o seu chapéo na mão á roda dos que tinham estado a ouvi-lo; parece que o povo os estimava, porque quasi todos lhes deram esmolla.

— Canta outra vez! disse lhe eu.

Ella repetiu a canção:

Os bens que o mundo encerra,

Se é que os tem! vedou-mos a má sorte.

Esperança cá na terra

Se n'alma se me abriga — é a de morte!

A infancia, d'esta vida o paraíso,

O tempo mais risonho

Aos labios me não trouxe um só sorriso

A mente um meigo sonho!

Foi arvore sem fructo

Implantada em baldio da existencia!

Bem cedo tragei lucto

Pelas gallas que vestem a innocencia

JULIO CESAR MACHADO.

ao sr. governador civil e ás eleições municipaes de Agueda.

O sr. João Ribeiro d'Agueda tem accumulado no seu concelho os empregos de administrador — camara municipal — escrivão de fazenda — e recebedor.

Sempre despota e prepotente tem exercido sobre os de Agueda uma pressão horrorosa; poz-lhe um jugo que elles não podiam mais suportar, e quando se dispõem para isso com honra e dignidade, carregados de justiça, quando pedem ao governador civil aquillo que as obrigações do seu cargo lhe impoem, e obtem deste a promessa — veem a palavra mentida, as conveniencias publicas despresadas e as leis prostergadas!!!

E' que o governador civil deste districto, escravo como é, não pode ver livres os de Agueda.

Embora — se o governador civil não tem força para soltar as algemas que o maniatam para cumprir — ao menos — a sua palavra, outro tanto não aconterá aos de Agueda, e nem tão pouco aos redactores do Districto. Que as eleições municipaes devem ser vedadas á auctoridade, é um dogma em administração, que ninguém ousaria calcar aos pés a não ser o sr. Basilio Cabral!! Acresce a isto a promessa do governador civil e os direitos de preferencia, que a lista da opposição tem sobre a do administrador; porem apesar de tudo isto querem saber o que nos informam a tal respeito?

O sr. Basilio Cabral não só faltou á sua palavra, não garantindo a liberdade á opposição, mas de mais consentiu que o 2.º official do governo civil fosse á reunião do administrador!! Por outro lado o administrador de Agueda revestido de tolerancia mandava em agosto pedir pelos cabos de policia os votos dos eleitores; agora porem que a opposição o aperta, deu treguas a todas as suas virtudes, e manda-os intimar para votarem na sua lista!!

O administrador de Agueda faz desatinos eleitoraes de toda a ordem, e é ao governador civil e só a elle que competia pôr um dique a essa torrente de immoralidades que tantos males podem causar; porem tão pouco confiamos em s. ex.ª que terminamos, pedindo aos eleitores de Agueda que não percam um momento para mostrarem ao sr. Basilio Cabral, e ao sr. João Ribeiro, que são livres e cumprem os deveres de cidadãos, que elles ignoram ou despresam.

Voltaremos ao assumpto.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

Sua magestade el-Rei o senhor D. Fernando II, regente em nome de rei, ha por bem ordenar que nos actos funebres para o enterramento de sua magestade fidelissima el-rei o senhor D. Pedro V, seu sobro todos muito amado e presado filho, que Deus foi servido chamar á sua sancta gloria, se observe o ceremonial constante do seguinte:

PROGRAMMA

1.º

O real cadaver de sua magestade fidelissima el-rei o senhor D. Pedro V, de saudosissima e nunca assás deplorada memoria, depois de embalado, vestido e encerrado em um ataúde, ha de ser conduzido da real camara a uma sala do paço, constituída em camara ardente, e decorada de purpura, sendo ali collocado em uma eça pelos officiaes môres da casa real, quarta-feira 13 do corrente, pelas duas horas da tarde, mediante a coadjuvação dos reposteiros para isso necessarios.

As chaves do ataúde serão entregues ao duque mordomo môr.

2.º

Emquanto o real cadaver se conservar na camara ardente, será velado pelos officiaes môres da casa real, tomando logar, uns e outros, na forma do estylo, á direita e esquerda do ataúde.

3.º

Quinta-feira 14 do corrente, pela uma hora da tarde, terá logar no paço das Necessidades a cerimonia do ultimo cortejo ao augusto monarcha fallecido, ficando para esse e para todos os mais actos funebres avisados, pela publicação do presente programma, os officiaes môres, as outras pessoas da côrte e as mais que a elles tiverem de concorrer.

4.º

O enterramento do real cadaver ha de effectuar-se no dia 16 deste mez na real igreja de S. Vicente de Fóra, devendo o acompanhamento funebre sair do paço das Necessidades pelas dez horas da manhã d'esse dia.

Depois da chegada do saimento a S. Vicente de Fóra, ha de ali celebrar-se uma missa de pontifical com as ceremonias e orações prescriptas pela igreja.

5.º

O prestito funebre será precedido de uma força de cavallaria e seis porteiros da canna, vestidos de capa e volta, seguindo-se as corporações e pessoas particulares que em memoria das excoelzas virtudes do soberano fallecido, quizerem acompanhar os restos mortaes de tão saudoso monarcha.

Logo em seguida tomarão logar as carruagens da camara municipal e mais corporações e empregados publicos, as dos tribunaes e conselheiros, a carruagem do governador civil, as carruagens da côrte, as dos conselheiros d'estado e as dos ministros d'estado.

6.º

Após as carruagens dos ministros d'estado irão os coches da casa real que tiverem de conduzir o porteiro da real camara e moços da guarda roupa, o official da casa encarregado de conduzir a corôa real, e as pessoas ecclesiasticas que

forem designadas para acompanhar o augusto cadaver.

7.º

Seguir-se-ha o coche de respeito, e logo o ataúde do real cadaver. Ambos estes coches serão armados em camarim com panno e cortinas de veludo preto agaloadas de ouro.

Aos lados do ultimo coche irão seis moços da real camara com tochas accesas entre duas alas de moços da estribeira e archeiros da casa real, caminhando uns e outros a pé e descobertos.

Atraz do mesmo coche irá a guarda real dos archeiros. O seu commandante tomará logar a cavallo junto á roda direita, seguindo-se os officiaes generaes de mar e terra com o respectivo estado maior, fechando o prestito um corpo de cavallaria.

A força de infantaria, postada em alas pelas ruas do transito, tomará a fórma conveniente atraz do prestito funebre para o acompanhar até ao templo de S. Vicente de Fóra, e dar opportunamente as descargas do costume.

8.º

O estribeiro môr, coadjuvado pelos empregados de sua dependencia, e bem assim pelos archeiros da guarda real e soldados da guarda municipal, mandará prover á conveniente collocação dos coches da casa real, fazendo-os distribuir pelas pessoas que os devam occupar, e dando as mais providencias necessarias para a boa direcção e ordem do cortejo.

9.º

As carruagens particulares, que houverem de se incorporar no prestito funebre, descerão da rua da Boa Morte e calçada das Necessidades até á praça d'Alcantara, onde entrarão no lugar competente.

O prestito, no seu itinerario, seguirá do paço das Necessidades á travessa do Sacramento, Pampulha, Janellas Verdes, calçada do Marquez de Abrantes, Boa Vista, S. Paulo, Corpo Santo, Arsenal, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Jardim do Tabaco, Fundição, Paraizo, campo de Santa Clara, arco grande de S. Vicente de Fóra.

10.º

Em chegando o prestito a S. Vicente de Fóra será o ataúde collocado pelos competentes dignitarios sobre uma tarima no adro da igreja, e d'ahi conduzido em um esquife pela irmandade da santa casa da misericordia de Lisboa até á primeira eça no meio do templo, onde a collegiada da mesma santa casa ha de cantar os devidos responsorios; sendo em seguida levado o ataúde pelos referidos dignitarios á segunda eça, que estará levantada no centro da quadratura patriarchal.

11.º

No templo, ornado com a devida pompa, haverá tribunas para o corpo diplomatico, e para os pares e deputados que se acharem em Lisboa, e haverá cadeiras e bancos para a côrte, tribunaes e dignitarios, e bem assim para a camara municipal, corporações publicas e particulares, e mais pessoas que concorrerem ao enterro.

Dentro do templo o porteiro môr intenderá na direcção do ceremonial da côrte, devendo prover á regularidade deste serviço.

12.º

Logo que o ataúde esteja collocado na segunda eça, o em.º cardeal patriarcha, tendo assistido com o cabido da sé patriarchal á recepção do real cadaver, mandará resar as orações proprias da occasião, seguindo-se uma missa pontifical.

13.º

Acabados os actos religiosos, será o augusto cadaver depositado no jazigo real; devendo os dignitarios que ali o conduzirem, servir de testemunhas e, nessa qualidade, assignar os dois termos de entrega do ataúde e de uma das suas chaves ao em.º cardeal patriarcha.

14.º

A entrega ao em.º cardeal patriarcha mencionada no artigo antecedente, ha de ser feita pelo mordomo môr, prestando este o juramento de se acharem encerrados no ataúde os restos mortaes de sua magestade fidelissima el-rei o senhor D. Pedro V, e de terem sido por elle vistos e reconhecidos antes do seu encerramento no ataúde, havendo elle mordomo môr, posteriormente a esse acto, acompanhado sempre o mesmo ataúde fechado com as chaves de que é portador.

A segunda chave é um dos termos da entrega devem ser depositados no real archivo da torre do tombo. O outro termo será guardado no ministerio do reino.

15.º

Todas as pessoas que concorrerem aos actos funebres deverão ir com os seus uniformes ou trajas correspondentes, de luto pesado.

Paço das Necessidades, em 11 de novembro de 1861. — Marquez de Loulé.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Algures 8 de novembro de 1861.
Rogo a V. o favor de inserir no seu novo mas acreditado jornal estas duas linhas, que será para mim de lembrança infinda.

Raras vezes temos visto subir á tribuna sagrada uma insolencia igual á que presenciamos no dia 28 na igreja da Mamarroza. Festejou-se ali o apostolo S. Simão, como orago daquelle freguezia, fazendo as vezes d'orador um tal padre Manuel Borralho, do bispado do Porto, por antonomasia o *Marianita*.

Nunca ouvimos tantos disparates nem tanta sandice echoarem no logar sagrado; nunca escutamos descomedimentos, arrojados a uma assemblêa, que ouvia attenta um orador, cuja fama

sobrepujava a mais subida elequencia! Magoounos o coração ver assim os mais simples rudimentos da doutrina christã entregues a ludibrio *Borralhento*, e gelarem no fundo d'alma a norma religiosa, cunhada no alto do Golgotha.

D'uma parte proposições atrevidas germinavam conclusões anti-christãs, e d'outra parte palavras arrojadas a esmo, despenhavam-se em absurdos monstruosos; era o *non plus ultra* do *Borralhismo*. Quem não terá visto um miseravel mendigante envolto em esfarrapado manto, cujos remendos são um contraste entre si? Tal era o discurso, que tivemos a coragem d'ouvir.

Não julgue o leitor que ultrapassamos as raia da decencia e honestidade; eu o convido a ouvir este saltimbanco da oratoria, onde ficará absorto á vista das proposições *Borralhentas* e das conclusões *marianiticas*.

Entramos no templo onde tudo respirava alegria, e infundiu n'alma o mais doce sentimento religioso; o bello ornato da igreja, e mais que tudo a decencia com que ali era desempenhado o culto de Deus encantavam, enlevavam a alma, e nem sequer podiamos desviar a attenção deste tudo, que reclamava fervorosas preces, ardentes orações, e constante zêlo. Foi então, que o pregador subindo ao pulpito ouvimos sim, ouvimos dizer — o ladrão que furta não tem absolvição, logo não se pode salvar — as palavras nascidas do coração são infructiferas — o arrependimento á hora da morte não tem remedio —

Já viram mais extravagantes principios, e evidente afronta á moral, e ao Evangelho? Que seria de tantas almas ao cremos a doutrina do sr. padre *Borralho*? E seria possível, que, ao soltar da bocca estas palavras, se não lembrasse, que um ladrão crucificado ao lado de Christo foi perdoado, e que o seu arrependimento foi á hora da morte? Será possível que os seus livros de moral lhe não digam que, o peccador na hora da morte, que não pode alcançar confessor; com uma contricção perfeita e voto se pode salvar? Não tem reparado: porque lidos esses auctores (se é que os lê) ao som da rebeca, vem a sua doutrina a degenerar na *marianita*.

Em toda essa parlenda tediosa trovejava, esbraceava que parecia endemoninhado, querendo arrebatat o mulherido a fim de gritarem com toda a força de pulmão. É o seu elemento todas as vezes que sobe ao pulpito. Tudo nós dispensavamos, mas muito principalmente uma tremenda maçada de «pó, terra, cinza e nada», que julgavamos nunca teria fim. Isto n'um sermão de S. Simão! É, na verdade, abusar muito da paciencia dos ouvintes.

Já então sabiamos que na vespera desta festividade houve uma outra a S. Sebastião, que um devoto promettêra pela saude da cara ameta-de. O orador foi o mesmo, que representou de igual maneira, fazendo andar o santo por uma roda de navalhas, e exclamando com emphase «o tratado de Roma triumphou!»

A pobre mulher para cumprir o seu voto ia amortalhada, e estendida n'um caixão á maneira d'um cadaver, e assim foi collocada no corpo da igreja sobre uma eça d'ante mão preparada. Foi aqui que o orador desenvolvendo toda a metralha do seu bestunto exclamou «surge et ambula, ressuscita e anda». Á devota á voz do seu *thaumaturgo* levantou-se, e o orador extasiado salta de contente por ser bem executada a manobra recommendada.

Bravo, sr. padre! Tem feito um lindo papel, que em pouco differe daquelle que em outras eras representou na Palhaça, quando arranjando um mono de pau, e pondo-lhe o nome de Judas, o fez enforcar no corpo da igreja, no meio de muitas vaias de garotos, que berram em alta voz «vamos enforcar o Judas!»

É até onde pode chegar o desaforo do orador! é até onde pode chegar a ignorancia d'aquelles, que ainda fazem que vá ao pulpito um estrangulador da oratoria um arliquineiro da moral e do Evangelho.

Hoje porem sabemos mais. Sabemos que está convidado, ou ha projectos para se convidar, a fim de pregar a quaresma em algumas freguezias deste bispado. Não podemos crer, que estes parochos dotados de intelligencia e critica deem o seu voto de consentimento, nem louvamos o seu zêlo se assim o fizerem.

Sr. vigario geral, é a v. ex.ª que nos dirigimos. Este padre já foi suspenso de pregar neste bispado, e igual suspensão constou aqui no de Coimbra; e ainda hoje o *marianita* torna aqui a subir ao pulpito! As maximas que expende não são das que Jesus Christo pregou, não são das do Evangelho, não são das dos Santos Padres; é o que lhe lembra do alto da cadeira, é o que o seu apocado bestunto lhe suggere.

Sr. vigario geral, não gostamos ver fazer dos principios da religião um vai-vem de chucarrices, que degradam a crença santa, que só ella nos conduz á felicidade. Estou certo, que v. ex.ª ha de dar providencias, que o ceu abençoará seu zêlo, e nós bem diremos o director do nosso bispado.

**

Sr. redactor.

Travaçõ 10 de novembro de 1861.

No artigo sobre coisas d'Agueda, publicado na folha do seu estimavel periodico n.º 37 de 5 do corrente, vem um trecho, que me diz respeito, e que me obriga a dar explicação.

Declaro antes de tudo, que aborreço, intrigas e mexericos; e não he sem alguma surpresa e admiracão, que vejo trazer para a imprensa conversações particulares, e referidas de modo, que parece estudado para ferir susceptibilidades.

He verdade o ter eu sido tractado com to-

das as attenções pelos cavalheiros, que formaram a reunião eleitoral da Quinta da da Povia. Hei-me muito com isso, e com a amizade muito antiga e muito intima, que tenho com alguns delles.

Na entrevista que se dignaram ter comigo dous desses cavalheiros, amigos meus, o fim de me resolverem a aceitar a votação para a futura camara municipal (por que era já sabido, que eu não desejava ser eleito) não sei, se para me escusar, alludi ao biennio de 1856 e 1857, em que me pozeram aos hombros o peso d'essa mesma cruz, que levei ao calvario, como pude, não sem alguns dissabores meus; mas he possível, que eu dicesse isto, ou coisa semelhante: affirmo porem, que não quiz alludir ao Ill.º sr. João Ribeiro da Roza Magalhães, de quem nunca recebi a minima offensa, ou contra-verdade; antes as maiores attenções e deferencias, e até provas inequivocas de verdadeira estima e amizade.

Esta he a verdade, a que me comprazo de dar testemunho, e que me justifica de eu não poder acompanhar outros srs., tambem meus amigos, que militam em campo opposto. Mas para os que desejarem, que eu defina a minha posição com relação á questã eleitoral, que se agita no concelho d'Agueda, direi que ella se deduz claramente do que deixo dicto: acho-me isolado dous partidos militantes, mas não dos amigos, que conto em ambos elles; e não sei que interesse possa ter algum delles em me indispor com os outros.

O que em particular se tem passado entre mim e o sr. João Ribeiro, não interessa ao publico saber, e deixo de o referir; asseguro com tudo, que não he cousa, de que algum de nós deva envergonhar-se.

Resta-me declarar, que os suffragios que obtive da numerosa reunião, que teve lugar em Agueda, penhoraram sobremaneira o meu reconhecimento; e se eu chegar a ser eleito (posto que o não deseje) muito sentirei, que a minha pouca saude e outras causas me inibam de servir effectivamente com os illustres collegas, que me destinam.

Se o meu voto decidisse a questã, eu eu diria, que he pena, que a camara d'Agueda se não componha de treze vereadores em vez de sete; porque — á parte o meu nome — tanto os apurados na reunião da Povia, como os apurados na reunião d'Agueda, são dignos; e quem disser o contrario, ou diz o que não sente, ou sente alguma coisa mais, do que o desejo de que tenhamos uma camara digna.

Pelo favor dá inserção destas linhas, muito obrigará o

De V. etc.

José C. de Miranda.

Sr. redactor.

Suburbios d'Anadia 7 de novembro de 1861.

Pego a V. o favor de inserir no seu jornal estas poucas linhas, que apesar de serem já tardias, todavia não servem mais do que illucidar o publico sobre duas palavras do *Campeão das Provincias*. Ei-las:

«Quem nas eleições de 1860 deu grande votação no circulo de Anadia ao sr. Cancellia? — Quem trabalhou por sua candidatura a bandeiras desprezadas? Foram os administradores do conc.º, chegando o de Oliveira do Bairro a demittir se por não querer trabalhar contra o sr. Seabra.»

Campeão n.º 967.

Sem querermos ir arrancar os louros com que o *Campeão das Provincias* engrinalda a fronte, não podemos deixar despercebidas essas poucas palavras, que deixamos registadas. Se o *Campeão* quiz arrastar o merito do sr. Cancellia nada pode colher, porque se no concelho de Oliveira do Bairro tinha sympathias antes de deputado, hoje tem crescido em grande numero; se quiz elevar o sr. Seabra, tambem será escasso o fructo de seus trabalhos, porque o concelho sabe a razão porque se demittiu o sr. Ferrão.

Nós não pertendemos tecer encomios ao sr. Cancellia, que tanto tem presado os seus amigos, e sabe estimar aquelles, que se lançaram na luta eleitoral só porque a sympathia era quem lhe dava a força, vigor e enthusiasmo; não pertendemos aniquillar o sr. Seabra, porque respeitamos o seu saber; o que pertendemos é dizer que o *Campeão* não disse a verdade, talvez por falta de bom informe.

A eleição do sr. Cancellia no concelho de Oliveira do Bairro correu á mercê dos amigos, que não eram administradores, correu á vontade do povo, que expressou na urna um sentimento d'amizade e confiança. A eleição do sr. Cancellia não dependia do sr. Ferrão como administrador, foi ganha pelos seus amigos, que logo que souberam da nomeação do sr. Rolim, muitos dos influentes foram dar a s. s.ª a certeza do triumpho por aquelles circulos por onde trabalhavam. Em summa: ou o sr. Ferrão se demittisse, ou não; ou trabalhava pró ou contra, a eleição d'Oliveira do Bairro havia de ser concedida a favor do sr. Cancellia.

Agora sem querermos recorrer ás palavras do *Campeão* n.º 784 onde diz «o sr. administrador d'Oliveira do Bairro aoaba de dar a sua demissão. Parece que havia deslealdade para com este cavalheiro, porque á auctoridade faziam-se promessas fartas e convincentes, e á opposição dizia-se que o administrador seria demittido logo que a urna tivesse expressado o seu voto» sem recorrerem, digo, a estas palavras onde o jornal expressa exactamente o motivo porque o sr. Ferrão deu a sua demissão, mas motivo mal fundado, diremos tambem que não foi por querer deixar de guerrear o sr. Seabra, que o adminis-

trador se demittiu. Embora o *Campeão* escrevesse para onde não tivessem presenciado os factos que acompanharam a demissão do administrador, embora tivesse levado os seus *dizeres* onde não fosse conhecida a epocha do regimen do sr. Ferrão.

O administrador demittiu-se, não foi por querer deixar de trabalhar contra o sr. Seabra, foi porque na Mamarroza lhe moveram uma guerra tal que era difficil sustentar-se, o que o sr. Ferrão diz no *Campeão* n.º 784 «uma guerra injusta e accitosa me tem sido promovida por alguns disculos daquelle concelho, parte dos quaes se deviam entender com o seu breviario... esta guerra tem marchado a passos agigantados, e ultimamente aproveitando o ensejo das proximas eleições, foram offerecer os seus serviços *sub conditione* de eu ser demittido logo depois das eleições. Dizer-me que tiveram resposta affirmativa, e por isso eu sou o primeiro a pedir a exoneração do cargo que tenho exercido».

Ahi ficam as palavras do administrador, que expressam exactamente o pensamento que o jornal lhe deu nas suas palavras que acima deixamos ditas.

Demittiu-se, porque a posição em que se achava não era vantajosa para proseguir na sua carreira; demittiu-se, porque ali em Aveiro (segundo nos disseram) lhe aconselharam que a pedisse; demittiu-se, porque as circumstancias assim o exigiam.

O *Campeão* ha de estar ao tacto de tudo isto, e talvez se lembre das queixas que os adversarios do administrador faziam nesse tempo da sua gerencia.

Todo o concelho sabe, que não foi a opposição que se fez ao sr. Seabra, que obrigou o administrador a demittir-se, mas só o receio de ser demittido depois. Mais diriamos se quizessemos explanar melhor como correram as cousas n'esse tempo, mas não queremos ser enfadonhos.

Desculpe-nos o *Campeão* esta nossa ousadia, que é filha d'uma simplicidade innocente.

NOTICIARIO

Exequias. — Devem ter lugar sexta-feira exequias solemnes por alma de S. M. o sr. D. Pedro V no real mosteiro de Jesus, as exequias da Archi-confraria do SS. Coração do Maria.

Celebrará o sr. vigario geral, e orará o sr. padre Goes.

No lugar competente publicamos o respectivo aviso.

Mais. — A philharmonica do sr. Valerio resolveu fazer exequias por alma de S. M. o sr. D. Pedro V no dia 11 do proximo dezembro. O templo escolhido é o da Misericordia.

Esta resolução d'uma corporação d'artistas é louvavel, e mostra as sympathias que o finado monarcha soubera grangear entre o povo.

Eleições municipaes. — Em Sevêr do Vouga prosegue o administrador na sua rotina — Fazer avisar os eleitores, para que não acceitem listas senão da mão d'elle ou do regedor.

Na freguezia do Couto foi este anno encarregado da diligencia o Joaquim Maneta, official da administração, fez rol dos eleitores, segundo as respostas que davam á intimação; tem já cumprido.

Mas para que tão grande afan, sr. administrador de Sevêr, se ninguem lhe disputa a eleição! — As suas virtudes são sufficiente garante para os eleitores, sem aviso mesmo, lhe sondarem e satisfazerem a vontade, e os relevantissimos serviços e obras municipaes da camara de seus cunhados, são titulo de sobejo para a reeleição!! Confie pois n'umas e n'outras, e descance.

Officio fúnebre. — No dia 11 do corrente o clero da freguezia d'Angeja a convite do rdv.º prior da mesma freguezia cantou um officio solemne por alma do serenissimo infante D. Fernando, estando a igreja vestida de crepe, e assistindo a elle pessoas de todas as classes.

Chegada. — Chegaram no paquete *Oneida*, d'Inglaterra os cavalheiros Capitain Mangles, da armada real, e membro do parlamento — John Chapman, celebre, banqueiro de Londres — Robert Russell Notman, presidente e director dos principaes caminhos de ferro de Inglaterra, e Edward Price, constructor geral do caminho de ferro do sueste de Portugal, de que todos são empregarios.

Consta que estes cavalheiros vem tratar de negociações de caminhos de ferro.

Auto da autopsia do cadaver de S. M. o senhor D. PEDRO V, feito trinta e sete horas depois do seu fallecimento.

Os facultativos abaixo assignados, medicos e cirurgiões da real camara, que foram consultados e assistiram a el-rei o senhor D. Pedro V, durante a sua ultima doenca, e que procederam ou foram presentes á autopsia do real cadaver, executada por occasião e no acto da embalsenação, observaram as seguintes alterações:

Habito externo. — Signaes de decomposição cadaverica muito adiantada em toda a superficie de tronco, cabeça, braços e parte superior das coxas.

Cavidade abdominal. — Diversas manchas lividas no bordo convexo do intestino delgado; a primeira 18 centimetros acima da extremidade inferior do ileon, e a ultima junto a esta mesma extremidade. Estas manchas tinham de 1 a 3 centimetros quadrados de superficie, e correspondia-lhe maior espessura das paredes intestinaes.

Os ganglios do mesenterio quasi todos engorgitados e vermelho-escuros.

Nenhuma alteração na superficie interna do

estomago e intestino delgado até á distancia de 130 centimetros da sua extremidade inferior, em que começavam a apparecer as glandulas de Peyer notavelmente augmentadas de volume, formando muitas placas de variada extensão e espessura, algumas ulceradas, e correspondendo ás manchas notadas na superficie exterior. Duas destas placas de Peyer eram sobre todas notaveis. Uma tinha 9 centimetros de comprimento e 3,5 centimetros de largura, bordos arredondados, irregulares e salientes, superficie desigual, e no meio uma ulcera circular de bordos delgados, com 1 centimetro de diametro, e cujo fundo era formado pela membrana muscular do intestino. A outra placa, não ulcerada, estava 6 centimetros abaixo desta, e assentando em parte na valvula ileo cecal tinha 5 centimetros de comprimento sobre 4 de largura.

O intestino cego, colon ascendente e transverso, estavam semeados de numerosissimas granulações foliculosas, muitas das quaes ulceradas no centro, formando todas uma erupção mui confluyente; no colon descendente e S do colon iam successivamente rareando, mostrando-se ainda algumas no intestino recto.

Pequena quantidade de liquido bilioso no estomago e intestinos.

Baço augmentado de volume, e de consistencia quasi diffluyente, e de cor vermelho-anegrada.

Figado amolecido e anegrado. Visicula fellea com pouca bille menos espessa do que naturalmente.

Pancreas sem alteração apreciavel. Rins mais escuros e pouco consistentes. Bassinetes, ureteres e bexiga normaes.

Cavidade thoracica. — Coração e pulmões sem outra alteração alem de certo grau de amolecimento e hypermia cadaveric.

Cavidade craneana. — Vasos exteriores da dura-mater consideravelmente engorgitados. A pia-mater, muito injectada, dava a toda a superficie exterior do cerebro cor rubra intensa. As circumvoluções cerebraes participavam deste estado congestivo. Não havia adherencias anormaes entre as meninges e a substancia cerebral. O ventriculo direito do cerebro continha alguma serosidade sanguinolenta. A consistencia do cerebro era a normal, a do cerebello menor.

Estas alterações, bastante significativas, encontradas pela autopsia feita ao cadaver S. M. o sr. D. Pedro V, nenhuma dubida deixam sobre a natureza do padecimento a que succumbiu el-rei; e são ellas ao mesmo tempo plena confirmação do juizo anteriormente feito a este respeito. Uma erupção dotinenterica, bem caracterizada e das mais desenvolvidas que se costuma observar, attesta o ter havido uma febre das mais malignas, como o foi a que acumeteu S. M. A alteração egualmente significativa do baço concorre a denunciar o genero de influencia que originou a molestia, a saber, o miasma paludosa, que, nos estragos que costuma produzir, particularmente affecta aquella viscera. Além disso, na marcha da enfermidade, no modo porque começou e se desenvolveu, nas causas a que el-rei se expoz muito directa e prolongadamente, está sobejamente a confirmação do juizo que, para os facultativos que observaram e trataram S. M., não poder ser duvidoso.

Paço das Necessidades, em 13 de novembro de 1861. — *Barão da Silveira — Barã Kessler — Dr. Bernardino Antonio Gomes — Dr. Francisco Antonio Barral — Simas — Manoel Carlos Teixeira. — José Eduardo Magalhães Coutin. — Antonio Maria Barbosa — Manoel José Teixeira.*

CORREIO

LISBOA 17 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

E' ainda sob a impressão em mim produzida pelo espectaculo imponente, a que hontem assisti e em que tomei parte, que lhe escrevo esta carta!

O povo foi hontem despedir-se do seu rei muito amado, d'um dos seus melhores amigos!

No jazigo da dynastia de Brogança entrou hontem mais um rei daquelle raça. A cidade de Lisboa foi hontem prestar a ultima homenagem ao moço rei que se finou, e dizer o derradeiro adeus ao soberano, que tanto o foi pelo nascimento, como pelas virtudes que o adornavam.

E foi muito virtuoso o sr. D. Pedro V. Foi exemplar na sua vida de homem, e no cumprimento dos seus deveres de monarcha.

Na sinceridade e espontaneidade, com que o povo foi prestar as ultimas honras ao joven monarcha, está escripto o maior elogio do sr. D. Pedro V.

Não improviso; não faço poesia. Acredite-me quando lhe digo que vi hontem derramar muitas lagrimas pelo finado rei; que em todos os rostos vi estampada a magoa e a saudade. Quando passava o caixão que levava o cadaver d'el-rei, todos se descubriam condoidos e saudosos!

O acto não podia ser mais imponente, solemne e magestoso.

O prestito saiu do paço das Necessidades ás dez horas e um quarto, levando na frente um esquadrão de lanceiros. Logo apoz seguia-se o centro promotor, a associação fraternal lisbonense e o gremio popular. Os presidentes destas duas ultimas associações levavam o livro da inscripção dos socios, com as capas cobertas de crepe. Seguiam-se algumas alumnas da escola-regia das merceões, acompanhadas pela sua mestra e mais vinte senhoras.

A S. Paulo tomou a frente do prestito, logo apoz a força de cavallaria, a corporação da alfannega grande de Lisboa, com o seu director na

frente. Antes de ir postar-se em S. Paulo para tomar lugar no prestito, esta corporação tinha ouvido uma missa resada na igreja da Conceição Velha.

Seguia-se a associação dos artistas lisbonenses, levando o seu presidente uma coroa de perpetuas entrelaçada de saudades, para ser depositada sobre o caixão d'el-rei no seu jazigo.

Seguia-se a corporação dos escriptores e jornalistas politicos e literarios, levando na frente o sr. Alexandre Herculano. Apoz estes os discipulos do curso superior de letras, os alumnos do conservatorio, e seus empregados, com o sr. conde de Farrobo na frente; os actores e actrices de todos os theatros portuguezes, presididos pelo sr. commissario regio; a empreza de S. Carlos com os seus empregados.

Vinham depois as deputações de varias repartições do estado; a companhia dos bombeiros; os administradores dos hairros de Lisboa, o secretario geral do districto com os empregados do governo a corporação dos empregados judiciaes; os empregados e operarios dos arsenaes do exercito e marinha; a associação commercial de Lisboa, e as colonias ingleza, allemã, e italiana, e a hebraica com o seu padre.

O sr. Page com os empregados da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, a sociedade das sciencias, a dos pharmaceuticos, os asylados do asylo de mendicidade, com o seu provedor o sr. Izidoro Guedes; os asylados dos asylos de infancia do Campo grande, Lisboa, Santa Catharina, conduzidos pelas respectivas commissões.

A corporação dos officiaes d'engenheiros, artilheria, armada, officiaes em commissão, corpo do collegio militar com os seus officiaes, ao que se seguia a camara municipal, tambem a pé, com capa e volta, e fumos pendentes dos chapéus.

Desfilavam depois os coches da casa real, que eram nove, e todos tirados a tres parellas. Nos primeiros cinco iam os officiaes mórtes da casa, servindo de mordomo mór o sr. marquez de Fronteira. No sexto o prior da freguezia de S. Pedro em Alcântara, e os capellães do paço. No setimo dois officiaes da casa com a coroa real, o oitavo era de respeito, e no nono ia o ataúde que encerrava o cadaver d'el-rei.

Pendentes do panno que cobria este coche, via-se do lado direito a medalha da Sociedade humanitaria do Porto, e do lado esquerdo a medalha, creada pela camara municipal de Lisboa, para commemorar os serviços feitos por occasião da epidemia da febre amarella. Aos lados do coche caminhavam dois condecorados com esta medalha.

O corpo diplomatico estrangeiro, as deputações das côrtes e altos funcionarios do estado achavam-se em S. Vicente. Neste templo havia logar para as delegações das corporações.

Fechavam o prestito dois esquadrões de lanceiros, e a cavallaria da guarda municipal, e bem assim todos os corpos d'infanteria da guarnição, que tinham estado formados em allas desde as Necessidades até S. Vicente de Fora.

Era do batalhão de caçadores n.º 2 a guarda de honra. A artilheria estava formada no campo de Santa Clara.

O cadaver entrou na igreja depois das 3 horas da tarde. Findos os actos religiosos toda a tropa deu as descargas do estylo, salvando com vinte e um tiros o castello de S. Jorge, as fortalezas, e as embarcações de guerra surtas no Tejo.

Durante as horas em que esteve patente a camara ardente no paço das Necessidades foi imenso o concurso de pessoas de todos os sexos, idades, e condições que iam visitar o defuncto rei. Calcula-se em mais de 30,000 as pessoas que concorreram ao paço naquella occasião.

O prestito, não contando a tropa, calcula-se que se comporia, proximoamente, de 8 a 10 mil pessoas.

O finado monarcha estava fardado de general, com as bandas das 3 ordens militares, a cõmenda da torre e espada, as duas medalhas da sociedade humanitaria e a da febre amarella, e coberto com o manto real.

Houve sempre o maior socego e recolhimento. Apenas ha que registrar um acto de grande brutalidade, praticado, ainda não se sabe por quem, logo á sahida das Necessidades. Quando os ministros appareceram nas suas carroagens, sahiram algumas vozes de que se pozessem a pé. O sr. visconde de Sá e Thyago Horta desceram immediatamente, e acompanharam a pé o prestito até S. Vicente, dando o sr. Thyago Horta o braço ao sr. visconde de Sá, que hia muito emcommodado.

Os ministros portaram-se com a maior prudencia, cedendo naquella occasião; entretanto, todos estranharam o acto praticado por quem brutalmente se esqueceu do respeito que se deve á auctoridade, mórmente n'um acto tão solemne.

A'manhã ha conselho d'estado, convocado pelo ministério, para se tratar da proxima reunião das côrtes, perante as quaes o novo soberano tem de rectificar o juramento que já prestou nas mãos do regente.

Em consequencia dos acontecimentos funebres que se tem succedido, a commissão dos quarenta está propensa a addiar os festejos que se preparavam para commemorar o anniversario do 1.º de dezembro. Na sessão da proxima sexta-feira espera-se que fique definitivamente resolvido o addiamento.

O marchal Saldanha tem estado muito doente, uas vae melhor. A respeito, porem, da enfermidade do illustre general correm diversas variantes. Não as acredito. Repugnám-me as noticias que se tem espalhado, e por honra do marchal, e dignidade dos medicos que o tratam, quero sup-

pôr que são distituidas de fundamento. Entretanto, tem-se geralmente notado que se mandem boletins para os jornaes da sua enfermidade como se fosse pessoa real, e que em alguns botequins tinham sido afixados boletins do estado do illustre doente.

São esperados brevemente dois camaristas da rainha Victoria, que vem em seu nome dar os pezames á familia real.

Todos os soberanos estrangeiros tem dado as maiores provas d'amisade e sentimento pela infausta morte do sr. D. Pedro V.

O sr. infante D. Augusto ainda não é julgado livre de perigo. Depois que o transferiram para Belém está entregue aos cuidados do sr. Magalhães Coutinho. Este habil facultativo, pondo de parte as etiquetas usadas no paço, mandou chamar a ama que creou o augusto enfermo para ser sua enfermeira.

S. M. I. a sr.ª duqueza de Bragança, em suffragio por alma do sr. D. Pedro V, contemplou o asylo do campo grande em quarenta mil réis.

A viuva do imperador tem mostrado a maior dôr pela morte d'el-rei. Muitas maguas tem torturado aquelle nobre coração!

EXTERIOR

Da «Correspondencia.»:

«Berná 16. — Está nomeada uma commissão mixta para entender na questão de Villele-Grand.»

«Napoles 10. — Não occorreu novidade na celebração do anniversario da entrada de Victor Manuel. Cantou-se um «Te-Deum», e houve bailes e illuminações.»

«Turin 10. — Addiou se para o dia 15 a inauguração do cominho de ferro de Milão a Placencia.»

«Vienna 10. — A «Gazeta official» desmente a noticia de se haver celebrado um tractado secreto entre a Austria e a Turquia.»

«Pariz 11. — No banquete dado pelos jornaes affeccionados á revolução italiana, o sr. Rattazzi pronunciou discursos favoraveis á alliança das nações comprehendidos nas raças latinas.»

Londres 11. — Ha noticias de Nova-York, que alcançam a 31.

Os federaes executaram movimentos com o fim de cercarem os separatistas.

O Norte está decidido a rejeitar um accordo.»

Os jornaes de Nova-York dizem que Gari-baldi escreveu uma carta, na qual manifesta o seu sentimento de não poder ir aos Estados- Unidos.

Constantinopla, 18. — A França e Inglat terra mantem protocollo do tratado de Pariz, e recusam dar as garantias pedidas pela Porta. As conferencias ficam suspensas sem a participação official da Italia.»

As folhas hespanholas, de 12, como a *Correspondencia de Hespanha*, que á ultima hora noticiam a prematura morte de el-rei D. Pedro V, de saudosissima memoria, fazem-nos nos termos mais lisonjeiros para esta nação. O jornal mencionado, diz: — «Vimos chorar, com profunda dôr, ao saberem a fatal noticia, os portuguezes que hoje residem em Madrid, não só a perda do rei D. Pedro, senão a immensa dôr que neste momento experimentarão o rei D. Fernando e os seus augustos filhos.» — E acrescenta: «Esta nova e terrivel desgraça que vem pesar sobre a familia real e a nação portugueza, causou profunda dôr em Madrid e estamos seguros de que a causará na Hespanha inteira.»

ANNUNCIOS

A mesa da Archi-confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria desta cidade, resolveu fazer celebrar exequias solemnes pelo decanço eterno de sua magestade fidelissima o sr. D. Pedro V. O acto ha de ter logar na egreja do real convento de Jesus no dia 22 do corrente pelas 10 horas do dia, e para elle convida a mesa todos os cavalheiros, que queiram tomar parte nesta manifestação de sentimento pela perda do nosso rei «o muito amado».

Haverá matinas, missa, oração fúnebre e as absolvições do estylo.

A requerimento de Francisco Marques da Costa, de Sarrazola, correm editos por trinta dias, contados de doze do corrente, a citar o ausente Manuel Pereira Antão, do mesmo logar, para dentro de dez dias pagar ou nomear bens á penhora na execução de que é escrivão Moraes.

Ficou transferida para o dia 24 do corrente a arrematação annunciada para o dia 17 de duas casas em Esgueira pertencentes a Manuel José Matheus, na execução que lhe movem João dos Santos Quaresma, e Ludovina Maria, de que é escrivão Leite Ribeiro.

RESPONSÁVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.